



# VENCER A DISTÂNCIA

Cinco Séculos dos Correios em Portugal



Museu das Comunicações

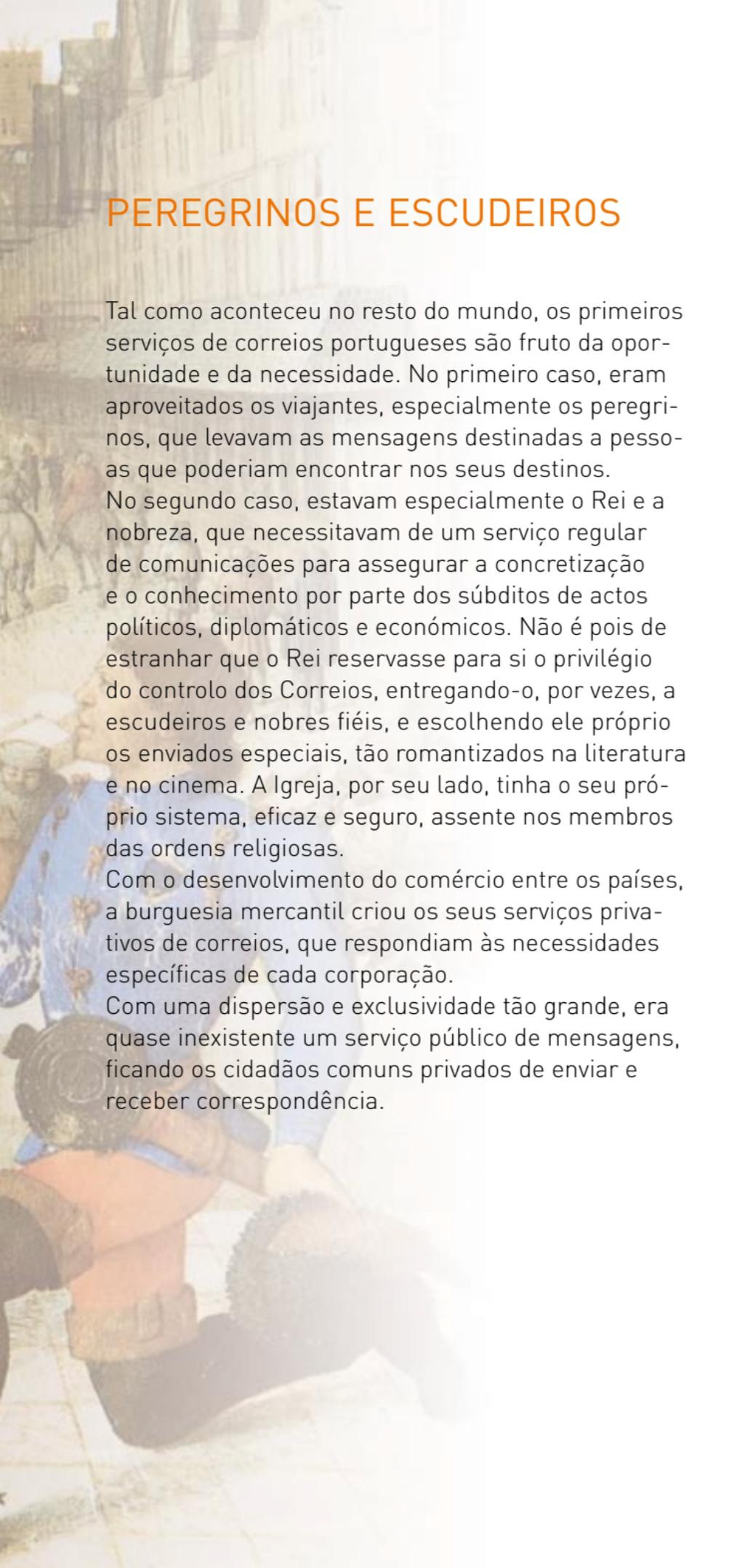


## UMA HISTÓRIA DOMINADA PELA AVENTURA

Haverá poucas histórias tão emocionantes como a do correio. A necessidade milenar e constante de os homens trocarem mensagens levou Reis, primeiro, e Estados, depois, a lançarem mão de todos os recursos possíveis para vencer a distância. Peregrinos, escudeiros, correios a cavalo, diligências da mala-posta e ambulâncias ferroviárias foram sendo sucessivamente usados, ao longo da história, para fazerem chegar missivas aos seus destinos. Ao mesmo tempo, inventou-se o selo e democratizou-se o acesso à correspondência, através da distribuição domiciliária, na altura denominada “Posta Pequena”. Depois, já no século 20, dando o melhor uso à evolução industrial e tecnológica, colocou-se o carro, o avião e o computador ao serviço da Posta, tornando a circulação tão veloz e eficiente como o mundo de hoje. A história dos correios é, afinal, uma ótima maneira de conhecer a história da evolução do mundo.

Planisfério representando  
a Rota do Cabo.  
Data: Séc. XVI





## PEREGRINOS E ESCUDEIROS

Tal como aconteceu no resto do mundo, os primeiros serviços de correios portugueses são fruto da oportunidade e da necessidade. No primeiro caso, eram aproveitados os viajantes, especialmente os peregrinos, que levavam as mensagens destinadas a pessoas que poderiam encontrar nos seus destinos.

No segundo caso, estavam especialmente o Rei e a nobreza, que necessitavam de um serviço regular de comunicações para assegurar a concretização e o conhecimento por parte dos súbditos de actos políticos, diplomáticos e económicos. Não é pois de estranhar que o Rei reservasse para si o privilégio do controlo dos Correios, entregando-o, por vezes, a escudeiros e nobres fiéis, e escolhendo ele próprio os enviados especiais, tão romantizados na literatura e no cinema. A Igreja, por seu lado, tinha o seu próprio sistema, eficaz e seguro, assente nos membros das ordens religiosas.

Com o desenvolvimento do comércio entre os países, a burguesia mercantil criou os seus serviços privados de correios, que respondiam às necessidades específicas de cada corporação.

Com uma dispersão e exclusividade tão grande, era quase inexistente um serviço público de mensagens, ficando os cidadãos comuns privados de enviar e receber correspondência.

## AS ESPECIARIAS E A INVENÇÃO DO CORREIO-MOR

Curiosamente, seriam os Descobrimientos a democratizar o acesso aos correios. A grande aventura da descoberta de Novos Mundos, iniciada no século XV, colocou Portugal no centro do mundo, obrigando a Coroa, a nobreza e a burguesia a contactos intensos com outros Estados e com mercadores. Mais do que nunca, impunha-se a existência de um serviço postal seguro e eficiente. Assim, D. Manuel I, logo em 6 de Novembro de 1520, publicou a Carta Régia que criava o ofício de Correio-Mor, entregando a gestão deste ao seu Cavaleiro Luís Homem. O serviço de Correio-Mor era público, isto é, qualquer cidadão, mediante o pagamento de uma quantia, podia utilizá-lo.

O Correio-Mor foi um cargo de nomeação régia até 1606, quando foi vendido, pelo Rei Filipe II, ao Marquês português Luís Gomes da Mata, pela quantia de 70 mil cruzados.

A família Gomes da Mata manteve a posse da exploração dos correios durante dois séculos, e procurou modernizar os serviços. Apesar disso, até ao século XVII, o serviço continuou a ser usado especialmente pela Coroa, pela nobreza e pelos homens de negócios, e a sua eficiência era limitada. O Correio-Mor fazia um serviço mais ditado pela solicitação dos utentes do que pela regularidade, e os correios, assim se chamavam os portadores da correspondência, tinham que se sujeitar a todas contingências, especialmente às condições climatéricas e à má qualidade das estradas, já que o envio era feito a pé ou a cavalo. A morosidade e a incerteza eram enormes. Por exemplo, o percurso Lisboa-Braga nunca demorava menos de sete dias. Para destinos além-mar, o envio era ainda mais lento e frágil, já que dependia totalmente dos navios e das suas rotas.



Quadro a óleo do 8º Correio-Mor Duarte de Sousa da Mata Coutinho (1674/1696).



Maqueta da Estação de Muda de Casal dos Carreiros (1856), da autoria de Raúl Campos, reconstituindo o ambiente que se vivia naquela lugar, no momento da partida da diligência.  
Data: 1954



Aquarela de Cocheiro da Mala-Posta - 1798, da Autoria de Alberto de Sousa.  
Data: Década de 1940

## A CARRUAGEM DA MALA-POSTA

A pressão gerada pelo aumento imparável do número de utentes e as inúmeras críticas feitas ao serviço postal prestado pelo Correio-Mor levaram o Rei a incorporá-lo no Estado, em Janeiro de 1797. Para além do objectivo de tornar o serviço eficiente e totalmente público, o Estado pretendia chamar a si uma óptima fonte de rendimentos, e ter o controlo da informação que circulava por via postal.

Em Setembro de 1798, a administração central dava corpo ao seu projecto de correios, e publicava um documento revolucionário, a “Instrução para o estabelecimento das diligências entre Lisboa e Coimbra”, que deu origem à primeira carreira da Mala-Posta. As Mala-Postas eram diligências cuja função primária era a do transporte do correio, e garantiam, pela primeira vez, um serviço regular, realizando os percursos à segunda, quarta e sexta-feira. À mesma hora, cinco da manhã, uma diligência partia de Lisboa, enquanto outra saía de Coimbra. Com pernoita, o percurso só terminava às 21 horas do dia seguinte.

No entanto, o estabelecimento de carreiras regulares de Mala-Posta em todo o território nacional só seria feito 50 anos depois, com notável êxito, especialmente a carreira Lisboa-Porto. A Mala-Posta obrigou também à criação de infra-estruturas, das quais as mais conhecidas são as Estações de Muda, onde eram trocados os cavalos, que estão hoje classificadas como património técnico-industrial. A Mala-Posta só seria derrotada pela chegada do comboio, em 1864.

Ao mesmo tempo que criava a Mala-Posta, o Estado apostava decisivamente nas pequenas redes de correio, ou seja, na distribuição ao domicílio. O impulso fundamental veio do 1º Superintendente Geral dos

Correios e da Posta do Reino, Diogo de Mascarenhas Neto, que apresentou vários projectos decisivos para a reorganização funcional dos serviços. Em 1800, Mascarenhas Neto fazia aprovar o diploma da distribuição domiciliária de correio em Lisboa, criando 17 distritos postais, identificando ruas e números de casa, e contratando “portadores”, “moços vigorosos e fiéis”, os antepassados dos actuais carteiros, que faziam a distribuição porta a porta. Para receber e enviar cartas, os utentes tinham apenas de se inscrever, pagando uma pequena taxa, passando a constar do assento de assinantes.

Por outro lado, o diploma criou também as caixas postais públicas, que deram origem aos marcos de correio. Por dificuldades variadas, nomeadamente por não estar feita a identificação de todas as ruas e o cadastro das residências, a distribuição domiciliária para os lisboetas só começou a funcionar em 1821.



Carro de tracção animal de transporte urbano de correio.  
Data: 1ª metade do Séc. XIX



CORREIO

## A REVOLUÇÃO FUNDAMENTAL

Também nos Correios o “Fontismo”, nome genérico dado ao conjunto de reformas do Estado e do País impostas pelo ministro Fontes Pereira de Melo, a partir de 1852, deixou a sua marca fundamental. Logo neste ano, Fontes Pereira de Melo fez aprovar o diploma da Reforma Postal. Ainda hoje considerado a matriz do correio moderno português, o diploma dividiu o país em dez administrações postais, por sua vez subdivididas em direcções e delegações. Os funcionários passaram a pertencer aos quadros do Estado. Em relação ao tráfego, afinal o que é decisivo para o utente, a reforma consagrou o envio de malas diárias para as capitais de distrito, e com frequência trissemanal para as sedes concelhias.



Caixa Postal que era preconizado pela Regulação para o Estabelecimento da Pequena Posta, Caxas, e Portadores de Cartas em Lisboa, publicado em 1801. Sabe-se que esta caixa se encontrava instalada no 1º Districto Postal, (Districto do Mocambo) que era um dos dezoito, em que foi dividida a cidade de Lisboa quando da implementação a distribuição domiciliária das correspondências, após a Revolução Liberal.

Data: 1821

A grande inovação da posta domiciliária foi a obrigatoriedade do selo postal adesivo, que alterou completamente todo o funcionamento dos correios, já que o porte das cartas passou a ser pago pelo remetente e não pelo destinatário. No caso português, os primeiros selos, da autoria de Borja Freire, com a efígie da Rainha D. Maria II, e nas taxas de 5, 25, 50 e 100 réis, tornaram-se, até hoje, objectos de cobiça filatélica em todo o mundo.

Logo em 1866, os serviços de correio acompanharam o progresso, e, com a chegada do comboio, criaram a ambulância-postal ferroviária, uma carruagem postal, atrelada ao comboio, onde eram transportadas cartas e volumes para todo o território. A carruagem postal teve tanto êxito que só foi eliminada definitivamente 120 anos depois.

O Fontismo deu ainda origem a dois importantes acontecimentos. O primeiro foi a escolha de Lisboa, devido à fama alcançada pelos correios portugueses no mundo, graças à gestão brilhante do conselheiro Guilhermino de Barros, para a realização, em 1885, do congresso da União Postal Internacional. O segundo foi o estabelecimento da Posta Rural, em 1893, que fez chegar a correspondência aos locais mais remotos do território, tornando-o verdadeiramente acessível a toda a população.





Vistas do exterior e interior da estação do correio do Estoril, projectada pelo arq. Adelino Nunes. [Década de 1940]

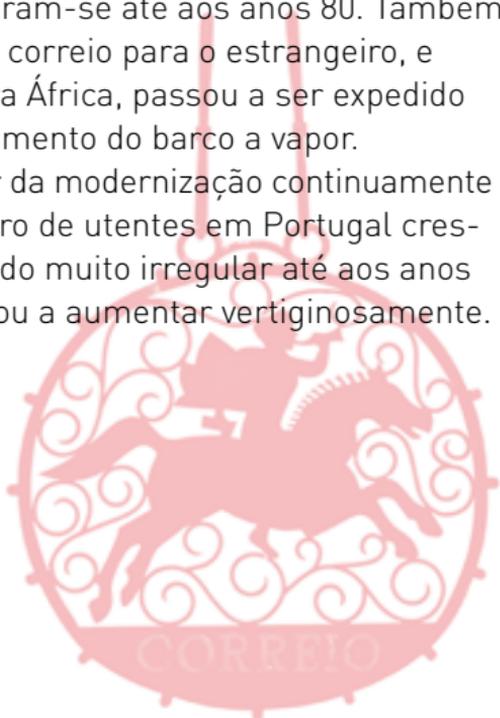
## A CHEGADA DA MODERNIDADE

No longo período histórico que vai da implantação da República, em 1910, até à década de 1960, os Correios consolidam a sua organização e estrutura, ao mesmo tempo que procuram estar no pelotão da frente em tudo o que é inovação.

Logo nos primeiros anos da República, a Direcção-Geral dos Correios passou a Administração-Geral, cumprindo o ideal republicano de fazer chegar os seus serviços a todos os cidadãos nacionais. O Estado Novo irá manter este formato, aproveitando para centrar a aposta no crescimento do património para uso dos utentes, tendo-se assistido à construção de estações em todo o território nacional, sendo que algumas delas foram exemplo de vanguarda arquitectónica.

A nível do serviço e da distribuição, os correios acompanharam todos os desenvolvimentos no sector dos transportes. Para além do comboio, o automóvel tornou-se um veículo imprescindível, tendo a primeira auto-ambulância entrado em funcionamento logo em 1952, e, como autênticas estações itinerantes que eram, mantiveram-se até aos anos 80. Também na década de 60, o correio para o estrangeiro, e especialmente para África, passou a ser expedido por avião, em detrimento do barco a vapor.

No entanto, apesar da modernização continuamente efectuada, o número de utentes em Portugal cresceu sempre de modo muito irregular até aos anos 60, quando começou a aumentar vertiginosamente.





Móvel Divisor de Giros.  
Data: Década de 1990

## A SOFISTICAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Logo em 1970, os correios passam a empresa pública, designada por CTT-Correios e Telecomunicações de Portugal.

Previendo que o futuro dos correios iria depender muito da velocidade da distribuição, é criado, logo em 1972, o Comboio Expresso Postal, que será o precursor de todos os serviços rápidos de correio surgidos nos anos 80 e 90.

No entanto, a medida organizacional mais importante é tomada no fim dos anos 70, quando surge o código postal, que permite um encaminhamento directo e electrónico da correspondência logo a partir da sua entrega.

Logo nos anos 80, a rodovia, por permitir a entrega do correio em todo o território, substitui definitivamente a ferrovia como meio preferencial de transporte da correspondência, e surgem as primeiras aplicações informáticas nas estações e centrais de tratamento, que começaram a funcionar em pleno no princípio dos anos 90.

Em 1992, os correios são separados das telecomunicações, criando-se uma nova empresa, os CTT-Correios de Portugal SA. A década de 90 é também o período onde a informatização é estendida a toda a rede, onde a mecanização postal atinge um grau de eficácia notável, e onde surgem e são utilizados massivamente novos serviços, que hoje fazem parte do imaginário de todos os portugueses, como o correio azul, o Post Log, ou o Corfac.

A entrada nos produtos financeiros é apenas o passo mais recente de uma empresa que há 500 anos que contribui decisivamente para o desenvolvimento de Portugal.

## Endereço

Rua do Instituto Industrial, 16  
1200-225 Lisboa

Tel: 21 39 351 59/08

Fax: 21 39 350 06

Nº Verde: 800 215 216

Email: [museu@fpc.pt](mailto:museu@fpc.pt)

## Serviço Educativo (Visitas Guiadas)

Tel: 21 393 51 59/08

## Horário

Segunda a Sexta das 10h às 18h

Sábado das 14h às 18h

## Acessos

Metro: Estação Cais do Sodré (Linha Verde)

Comboio: Estações de Cais Sodré e Santos

## Preços

Adultos – 2,50 Euros

Cartão jovem, cartão estudante,  
adultos com mais de 65 anos – 1,25 Euros

Crianças até aos 12 anos,  
grupos escolares e colaboradores  
da PT, CTT e ANACOM – grátis

## Parceiros Institucionais

Imprensa Nacional

Casa da Moeda

## MUSEU DAS COMUNICAÇÕES

O Museu das Comunicações, parte integrante da Fundação Portuguesa das Comunicações, que tem a Portugal Telecom, os Correios de Portugal e a Anacom como instituidores, é um espaço cultural activo profundamente empenhado na partilha dos saberes das comunicações e das tecnologias de ponta.

O Museu reabre agora a sua exposição permanente, que traça uma história dos correios e das telecomunicações até aos dias de hoje, e mantém também activo um serviço educativo, que, na sua essência, pretende ser um contributo para a formação de uma sociedade do conhecimento em Portugal.



Ultrapassar a distância e a geografia foi desde sempre o objectivo principal do correio e das telecomunicações. A necessidade de comunicar ao longe levou o homem a aplicar o seu engenho na criação de sistemas e instrumentos que lhe permitissem enviar mensagens para lugares que de outro modo lhe seriam inacessíveis.

Portugal participou desde o início na profunda revolução social e económica criada pelo surgimento dos correios.

A mostra “Cinco Séculos dos Correios em Portugal”, que passará a constituir um dos dois núcleos permanentes do Museu das Comunicações, sendo o outro dedicado à História das Telecomunicações, pretende mostrar de que modo o serviço de correio se implantou e desenvolveu no nosso país.

